

A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

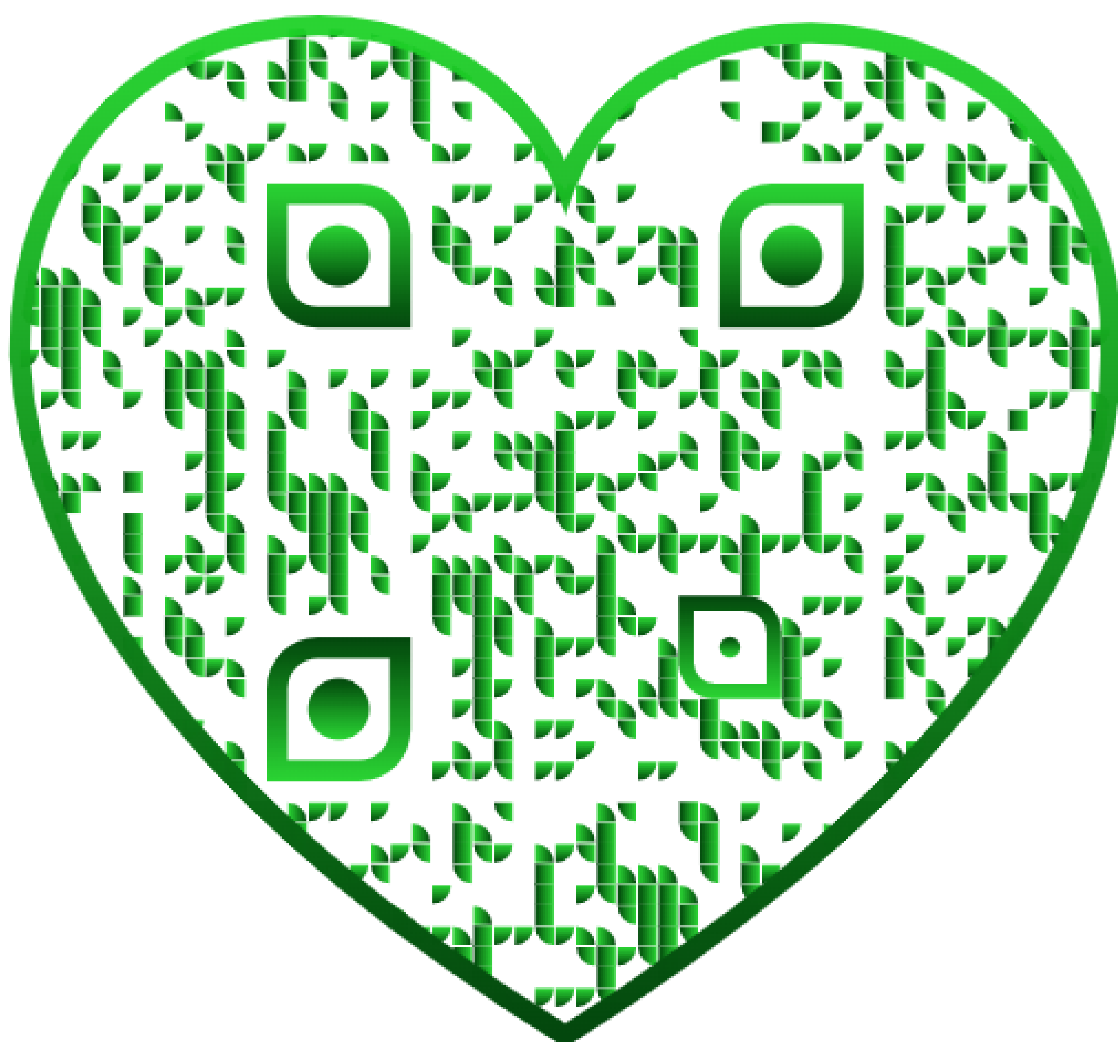
AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 9

A última batalha do Instituto de Nova York

CASSANDRA CLARE,
SARAH REES BRENNAN
e
MAUREEN JOHNSON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Cassandra Clare,
Sarah Rees Brennan
e
Maureen Johnson

A última batalha do Instituto de Nova York

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra

C541u

A última batalha do Instituto de Nova York [recurso eletrônico] / Cassandra Clare, Sarah Rees Brennan e Maureen Johnson; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.

recurso digital (As crônicas de Bane; 9)

Tradução de: The Bane Chronicles

Sequência de: 8. As Crônicas de Bane: o que comprar para um caçador de sombras que já tem tudo (mas que você não esta namorando oficialmente)

Continua com: 10. As Crônicas de Bane: rumos de um amor verdadeiro (e os primeiros encontros)

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40486-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brennan, Sarah Rees. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

14-16177

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

A última batalha do Instituto de Nova York

Nova York, 1989

O homem estava próximo demais. Encontrava-se perto da caixa de correio a mais ou menos 2 metros de Magnus e comia um cachorro-quente coberto de chili. Quando acabou, amassou o papel manchado de gordura e o jogou no chão, na direção do feiticeiro, depois enfiou o dedo num buraco em sua jaqueta jeans e não desviou o olhar. Era como o olhar que alguns animais lançavam a suas presas.

Magnus estava acostumado a receber alguma atenção. As roupas que vestia provocavam essas reações. Ele usava botas prateadas Dr. Martens, jeans artisticamente rasgado e tão largo que apenas um cinto prateado estreito impedia que caíssem, e uma camiseta cor-de-rosa tão solta que deixava à mostra a clavícula e boa parte do peito — o tipo de roupa que fazia com que as pessoas pensassem em nudez. Pequenos brincos cobriam uma orelha, culminando em um maior, pendurado no lóbulo; um brinco em formato de um grande gato prateado, com uma coroa e um sorriso. Um colar de prata de cruz ansata repousava sobre o coração do feiticeiro, e ele vestia uma jaqueta preta, feita sob medida, com contornos de contas negras, mais

para complementar a roupa do que para proteger contra o ar noturno. O visual se completava com um moicano cor-de-rosa.

E ele estava apoiado no muro da clínica do West Village no meio da noite. Isso bastava para despertar o pior em algumas pessoas. A clínica era para pacientes portadores de AIDS. A epidemia do momento. Em vez de demonstrarem compaixão, bom senso ou solidariedade, muitas pessoas encaravam a clínica com ódio e nojo. Todas as eras se achavam tão iluminadas, e todas elas tinham mais ou menos a mesma escuridão de ignorância e medo.

— Aberração — disse o homem finalmente.

Magnus ignorou e continuou lendo *It's Always Something* de Gilda Ragner, sob a fraca luz fluorescente da entrada da clínica. Irritado pela ausência de resposta, o homem começou a resmungar alguma coisa. O feiticeiro não conseguiu ouvir o que ele dizia, mas tinha um bom palpite. Sem dúvida, insultos sobre a sexualidade que atribuiu a Magnus.

— Por que você não segue seu caminho? — sugeriu, virando calmamente uma página. — Conheço um salão 24 horas. Eles consertam sua monocelha rapidinho.

Não foi a coisa certa a se dizer, mas, às vezes, essas coisas acabam escapando. Existe um limite para a quantidade de ignorância cega e estúpida que se pode aturar sem se irritar.

— *O que* você disse?

Dois policiais passaram naquele momento. Voltaram os olhares na direção de Magnus e do estranho. Um olhar de alerta para o homem, e um olhar de desprezo mal disfarçado por Magnus. O olhar magoou um pouco, mas Magnus, infelizmente, já estava acostumado a esse tratamento. Ele jurara havia muito tempo que ninguém jamais o mudaria — nem os mundanos, que o odiavam por um motivo, nem os Caçadores de Sombras, que atualmente o caçavam por outro.

O homem se afastou, mas olhou para trás.

Magnus enfiou o livro no bolso. Já eram quase oito horas, realmente estava escuro demais para ler, e ele acabara se distraindo. Olhou em volta. Havia apenas alguns anos aquela fora uma das esquinas mais vibrantes, festivas e criativas da cidade. Comida boa em cada canto, e casais passeando. Agora havia pouca gente nos cafés. As pessoas caminhavam apressadas. Tantos tinham morrido, tantas pessoas maravilhosas. De onde estava, Magnus via três apartamentos outrora ocupados por amigos e amantes. Se dobrasse a esquina e caminhasse por cinco minutos, passaria por mais uma dúzia de janelas escuras.

Mundanos morriam com tanta facilidade. Independentemente de quantas vezes já tivesse visto acontecer, nunca ficava mais fácil. Ele estava vivo havia séculos, e continuava esperando que a morte se tornasse mais fácil.

Magnus costumava evitar essa rua justamente por isso, mas naquele dia esperava

Catarina terminar o turno na clínica. Ele trocava o peso de um pé para o outro, e puxou a jaqueta, apertando-a mais no peito, arrependido por um instante de ter feito a escolha baseado no senso de moda e não no calor ou no conforto. O verão tinha durado muito, e depois as folhas nas árvores secaram rapidamente. Naquele momento, elas caíam depressa e as ruas estavam vazias e sem abrigo. O único ponto de destaque era o mural de Keith Haring na parede da clínica — cartuns alegres em cores primárias, dançando juntos, com um coração flutuando acima deles.

Os pensamentos de Magnus foram interrompidos pelo súbito reaparecimento do sujeito, que claramente tinha acabado de dar uma volta no quarteirão e se irritara completamente por causa do comentário de Magnus. Dessa vez, o homem se dirigiu ao feiticeiro, colocando-se diante dele, quase encostando as pontas dos pés nos deles.

— Sério? — falou Magnus. — Vá embora. Não estou com humor para isso.

Em resposta, o sujeito puxou um canivete e o abriu. A proximidade significava que mais ninguém podia vê-los.

— Você percebe — acrescentou Magnus, sem olhar para a ponta da faca logo abaixo de seu rosto — que na posição em que você se encontra todo mundo vai achar que estamos nos beijando? E para mim isso é extremamente embaraçoso. Tenho um gosto *muito* melhor para homens.

— Acha que não acabaria com você, *aberração*? Você...

A mão de Magnus subiu. Uma onda quente e azul se espalhou entre os dedos, e, no instante seguinte, o agressor estava voando para trás pela calçada, e, em seguida, caiu e bateu a cabeça num hidrante. Por um momento, o homem de bruços não se mexeu, e Magnus temeu que o tivesse matado acidentalmente, mas então viu que se movia. Ele olhou para Magnus com os olhos semicerrados, uma combinação de pavor e fúria no rosto. Era evidente que ele estava um pouco confuso sobre o que acabara de acontecer. Um fio de sangue corria por sua testa.

Naquele instante, Catarina apareceu. Ela avaliou a situação rapidamente, foi direto até o homem caído e passou a mão na cabeça dele, contendo o sangue.

— Saia de cima de mim! — gritou ele. — Você veio dali de dentro! Saia de cima de mim! Você está com a *coisa* toda em você.

— Seu idiota — xingou Catarina. — Não é assim que se contrai HIV. Sou enfermeira. Deixe-me...

O estranho empurrou-a e se levantou cambaleando. Do outro lado da rua, alguns passantes observavam a conversa com ligeira curiosidade. Mas, quando o homem saiu aos tropeços, perderam o interesse.

— De nada — falou ela para o vulto que recuava. — Babaca.

Ela se voltou para Magnus.

— Você está bem?

— Estou — respondeu. — Ele é que saiu sangrando.

— Às vezes, eu gostaria de simplesmente poder *deixar* alguém assim sangrar — falou Catarina, pegando um lenço e limpando as mãos. — O que você está fazendo aqui?

— Vim para acompanhá-la até sua casa.

— Não precisa fazer isso — respondeu ela com um suspiro. — Estou bem.

— Não é seguro. E você está exausta.

Catarina estava se inclinando ligeiramente para um lado. Magnus a pegou pela mão. Ela estava tão cansada que ele viu seu feitiço de disfarce sumir por um instante, viu uma onda de azul na mão que estava segurando.

— Estou bem — repetiu ela, mas sem muito entusiasmo.

— Sim — falou Magnus. — Obviamente. Sabe, se não começar a cuidar de si, vai me obrigar a ir até sua casa e fazer minha sopa de atum magicamente nojenta até você se sentir melhor.

Catarina riu.

— Qualquer coisa, menos a sopa de atum.

— Então vamos comer alguma coisa. Vamos. Vou levá-la ao Veselka. Você precisa de goulash e um pedação de bolo.

Caminharam em silêncio, sobre pilhas de folhas úmidas e esmagadas.

O Veselka estava quieto, e eles conseguiram uma mesa perto da janela. As únicas pessoas em volta conversavam baixinho em russo, fumando e comendo rolinhos de repolho. Magnus pediu um café e biscoito *rugelach*. Catarina comeu uma tigela grande de *borscht,* um prato grande de *pierogi* fritos com cebola e purê de maçã, almôndegas ucranianas e alguns coquetéis de cereja e limão. Só quando acabou tudo isso e pediu um prato de sobremesa de panquecas de queijo foi que encontrou energia para falar.

— Está muito ruim lá — disse ela. — É difícil.

Havia pouco que Magnus pudesse dizer, então ele apenas ouviu.

— Os pacientes precisam de mim — continuou ela, cutucando o gelo com o canudo no copo praticamente vazio. — Alguns dos médicos... as pessoas que deveriam *saber* mais... sequer encostam nos pacientes. E é tão horrível, essa doença. O jeito como se acabam. Ninguém deveria morrer assim.

— Não — retrucou Magnus.

Catarina cutucou o gelo por um instante mais longo, e, em seguida, se inclinou para trás no assento e suspirou profundamente.

— Não consigo acreditar que os *Nephilim* estejam causando problemas justo agora — disse ela, esfregando o rosto com uma das mãos. — E logo crianças Nephilim. Como isso está acontecendo?

Esse era o motivo pelo qual Magnus havia esperado perto da clínica para

acompanhar Catarina até a casa dela. Não porque a vizinhança fosse ruim — não era. Ele esperou Catarina porque não era mais seguro para os integrantes do Submundo ficarem sozinhos. Ele mal podia acreditar que o Submundo estivesse em um estado de caos e medo por causa das ações de uma gangue de Caçadores de Sombras jovens e estúpidos.

Na primeira vez que ouviu os rumores, há apenas alguns meses, Magnus revirou os olhos. Um bando de Caçadores de Sombras, que mal tinham 20 anos, mal tinham deixado a infância, estava se rebelando contra as leis dos pais. Grande coisa. Aos olhos dele, a Clave, o Pacto e os grupos de anciãos sempre pareceram uma receita perfeita para a revolta juvenil. Esse grupo se autodenominava Círculo, segundo um relato do Submundo, e era liderado por um jovem carismático chamado Valentim. O grupo contava com alguns dos melhores e mais inteligentes da geração.

E os integrantes do Círculo diziam que a Clave não sabia lidar com os membros do Submundo com a seriedade necessária. Era assim que o mundo andava, Magnus supunha, uma geração contra a seguinte — de Aloysius Starkweather, que queria as cabeças dos lobisomens nas paredes, a Will Herondale, que tentava, em vão, disfarçar seu coração aberto. A juventude dos dias atuais aparentemente achava que a política da Clave de tolerância fria era generosa demais. A juventude dos dias atuais queria combater monstros e convenientemente resolveu que pessoas como Magnus eram monstros, todas elas. O feiticeiro suspirou. Essa parecia uma temporada de ódio em todo o mundo.

O Círculo de Valentim ainda não tinha feito muita coisa. Talvez nunca fizesse. Mas já fora suficiente. Vaguearam por Idris, atravessaram Portais e visitaram outras cidades em missões para ajudar os Institutos locais, e, em todos os lugares pelos quais passaram, integrantes do Submundo morreram.

Sempre havia membros do Submundo que violavam os Acordos, e os Caçadores de Sombras os faziam pagar por isso. No entanto, Magnus não tinha nascido ontem, tampouco neste século. Não acreditava que fosse coincidência o fato de, por onde quer que Valentim e seus amigos passassem, haver mortes. Estavam encontrando qualquer desculpa para se livrar de indivíduos do Submundo.

— O que esse menino Valentim *quer*? — perguntou Catarina. — Qual é o plano dele?

— Ele quer morte e destruição para todo o Submundo — respondeu Magnus. — Possivelmente seu plano é ser um grande babaca.

— E se eles *de fato* vierem pra cá? — insistiu Catarina. — O que os Whitelaw fariam?

Magnus já morava em Nova York havia décadas, e durante todo esse tempo conheceu os Caçadores de Sombras do Instituto local. Ao longo dos últimos anos, o Instituto vinha sendo liderado pelos Whitelaw, que sempre foram corretos e

distantes. Magnus jamais gostou de nenhum deles, e nenhum deles jamais gostou de Magnus. O feiticeiro não tinha qualquer prova de que trairiam um inocente do Submundo, mas os Caçadores de Sombras eram tão convencidos de si mesmos e do próprio sangue que ele não sabia o que os Whitelaw fariam.

Magnus tinha se encontrado com Marian Whitelaw, a diretora do Instituto, e contado sobre os relatos do Submundo de que Valentim e seus ajudantezinhos estavam matando membros que não tinham violado os Acordos, e que depois os membros do Círculo mentiam para a Clave.

— Vá até a Clave — dissera Magnus a ela. — Mande que controlem seus pestinhas indisciplinados.

— Controle sua língua indisciplinada — respondera Marian Whitelaw, com frieza — quando falar sobre seus superiores, feiticeiro. Valentim Morgenstern é considerado um dos Caçadores de Sombras mais promissores, assim como seus jovens amigos. Conheci a esposa dele, Jocelyn, quando ela era criança; é uma menina doce e adorável. Não vou duvidar da bondade dela. Certamente não sem provas e me baseando apenas nas fofocas maliciosas do Submundo.

— Eles estão matando meu povo!

— Estão matando criminosos do Submundo, seguindo plenamente os Acordos. Estão demonstrando zelo na perseguição ao mal. Nada de ruim pode acontecer em relação a isso. Eu não esperaria que você entendesse.

Claro que os Caçadores de Sombras não acreditariam que um dos seus melhores e mais inteligentes soldados tinha se tornado um pouquinho sedento de sangue demais. Claro que aceitariam as desculpas oferecidas por Valentim e os outros, e claro que acreditariam que Magnus e qualquer integrante do Submundo que reclamasse só queria ver os criminosos escapando.

Sabendo que não teriam como convencer os Caçadores de Sombras, os membros do Submundo resolveram montar a própria guarda. Um abrigo fora montado em Chinatown, graças a uma anistia entre os vampiros e os lobisomens, que viviam em guerra, e todos estavam em alerta.

Os integrantes do Submundo estavam por conta própria. Mas, pensando bem, não fora sempre assim?

Magnus suspirou e olhou para Catarina por cima dos pratos.

— Coma — disse ele. — Não tem nada acontecendo agora. É possível que nada *nunca* aconteça.

— Eles mataram um “vampiro rebelde” em Chicago na semana passada — falou, cortando uma panqueca com um garfo. — Sabe que vão querer vir para cá.

Comeram em silêncio, Magnus, pensativo, e Catarina, exausta. A conta chegou, e Magnus pagou. Catarina não pensava muito em coisas como dinheiro. Era enfermeira em uma clínica com poucos recursos, e ele tinha muita grana.

— Tenho que voltar — falou ela. Esfregou a mão no rosto cansado, e Magnus viu traços cerúleos quando os dedos dela passaram, o feitiço de disfarce falhando mesmo enquanto ela falava.

— Você vai para casa dormir — disse Magnus. — Sou seu amigo e a conheço. Você merece uma noite de folga. E deveria gastá-la em luxos como dormir.

— E se acontecer alguma coisa? — perguntou. — E se *eles* vierem?

— Posso pedir a Ragnor para me ajudar.

— Ragnor está no Peru — falou Catarina. — Ele diz que acha uma tranquilidade sem sua presença maldita, e estou fazendo uma citação exata. Será que Tessa poderia vir?

— Tessa está em Los Angeles. Os Blackthorn, descendentes da filha de Tessa, controlam o Instituto local. Tessa quer ficar de olho neles.

Magnus também se preocupava com Tessa, escondida sozinha perto do Instituto de Los Angeles, naquela casa na colina, perto do mar. Ela era a feiticeira mais jovem de quem Magnus era próximo o suficiente para chamar de amiga, e tinha vivido com Caçadores de Sombras durante anos, quando não podia praticar magia na mesma extensão que Magnus, Ragnor ou Catarina. Tessa jamais permitiria que um dos seus se machucasse se ela pudesse se sacrificar por ele.

No entanto, Magnus conhecia e gostava do Alto Feiticeiro de Los Angeles. Ele não permitiria que Tessa fosse ferida. E Ragnor era astuto o bastante para que Magnus não precisasse se preocupar muito. Ele jamais baixaria a guarda em qualquer lugar onde não se sentisse completamente seguro.

— Então somos só nós dois — observou Catarina.

Magnus sabia que o coração de Catarina estava com os mortais, e que ela se envolvia mais por amizade do que por qualquer vontade de combater os Caçadores de Sombras. Catarina tinha os próprios combates a enfrentar, o próprio território a defender. Ela era mais heroína do que qualquer Caçador de Sombras que Magnus já havia conhecido. Os Caçadores de Sombras foram escolhidos por um anjo. Catarina escolheu lutar por conta própria.

— Está parecendo uma noite calma — falou ele. — Vamos. Acabe de comer e deixe-me levá-la para casa.

— Isso é cavalheirismo? — perguntou Catarina, com um sorriso. — Achei que fosse uma prática extinta.

— Como nós, esta prática nunca morre.

Voltaram pelo caminho que vieram. Escurecera bastante, e a noite ficara decididamente fria. Havia uma sugestão de chuva. Catarina morava em um apartamento simples, ligeiramente decadente no lado oeste da rua 21, não muito longe da clínica. O fogão nunca funcionava, e as lixeiras do lado de fora viviam transbordando, mas ela nunca parecia se importar. Tinha uma cama e um lugar para

as roupas. Era tudo de que precisava. Vivia uma vida mais simples que a de Magnus.

Ele voltou para casa, para o apartamento mais afastado do Village, na Christopher Street. Para chegar ao seu apartamento também era necessário subir escadas, e ele subiu dois degraus de cada vez. Ao contrário do de Catarina, o seu era extremamente habitável. As paredes eram coloridas e tinham tons alegres de cor-de-rosa e amarelo, e o local era mobiliado com itens que Magnus havia colecionado ao longo dos anos — uma mesa francesa maravilhosa, alguns sofás vitorianos e um incrível quarto em *art déco* todo de vidro espelhado.

Normalmente, em uma noite fria de começo do outono como aquela, Magnus se serviria de uma taça de vinho, colocaria um CD no aparelho de som, aumentaria o volume e esperaria os negócios começarem. A noite normalmente era hora de trabalho; ele tinha muitos clientes que apareciam de surpresa, e sempre havia pesquisa a fazer, ou leitura a pôr em dia.

Naquela noite preparou um bule de café forte, sentou-se perto da janela e olhou para a rua abaixo. Como em todas as outras noites desde o início dos rumores sobre jovens Caçadores de Sombras com sede de sangue, ele ficava sentado, observando e pensando. Se o Círculo viesse, como aparentemente acabaria fazendo, o que iria acontecer? Valentim tinha um ódio especial dos licantropes, diziam, mas tinha matado um feiticeiro em Berlim por invocar demônios. Sabia-se que Magnus já tinha invocado um bando deles.

Era muito provável que, se viessem a Nova York, fossem atrás de Magnus. A atitude sensata seria ir embora, desaparecer pelo país. Ele tinha comprado uma casinha na Flórida para escapar dos invernos brutais de Nova York. A casa ficava em uma das inóspitas e desabitadas ilhas, e ele também possuía um barco. Se alguma coisa acontecesse, poderia embarcar e fugir para o mar, para o Caribe ou para a América do Sul. Chegou a fazer a mala várias vezes e desfez logo em seguida.

Não adiantaria nada fugir. Se o Círculo continuasse com a campanha de suposta justiça, o mundo inteiro se tornaria um lugar inseguro para os membros do Submundo. E Magnus jamais conseguiria viver em paz se fugisse e os amigos, como Catarina, ficassem para trás para se defenderem sozinhos. Ele não gostava da ideia de Raphael Santiago ou qualquer um de seus vampiros sendo assassinados, nem as fadas que conhecia e que trabalhavam na Broadway, ou as sereias que nadavam no East River. Magnus sempre se considerou desprendido, mas já morava em Nova York havia muito tempo. Surpreendeu-se querendo defender não só os amigos, mas também a cidade.

Por isso ele ia ficar, esperar e tentar se preparar para o Círculo quando viessem.

A espera era a pior parte. Talvez fosse o motivo de ter perdido tempo com o

sujeito na clínica. Alguma coisa em Magnus queria que a luta viesse. Ele mexeu os dedos e os flexionou, uma luz azul apareceu entre eles. Abriu a janela e respirou o ar noturno, que tinha cheiro de uma mistura de chuva, folhas e pizza do restaurante da esquina.

— Andem logo — disse, para ninguém em particular.

O menino apareceu embaixo da janela, mais ou menos à uma da manhã, justo quando Magnus finalmente tinha conseguido se distrair traduzindo um antigo texto grego que estava em sua mesa havia semanas. O feiticeiro levantou os olhos e notou o garoto andando confuso de um lado para o outro lá fora. Tinha 9, talvez 10 anos de idade — um pequeno punk do East Village com uma camiseta do Sex Pistols, que provavelmente pertencia a um irmão mais velho, e uma calça larga de moletom cinza. O cabelo era mal-cortado, feito em casa. Não estava de casaco.

Todas essas coisas indicavam que se tratava de um menino com problemas, e a aparência de rua e a fluidez do andar sugeriam um lobisomem. Magnus abriu a janela.

— Está procurando alguém? — perguntou.

— Você é o Magnífico Bane?

— Claro — respondeu Magnus. — Digamos que sim. Espere. Abra a porta quando apitar.

Magnus deslizou do assento e foi para a campainha perto da porta. Ouviu os passos acelerados nos degraus. O menino estava com pressa. Magnus mal acabara de abrir a porta e o garoto já havia entrado. Uma vez lá dentro e sob a luz, a verdadeira extensão do estresse dele se tornou clara. As bochechas estavam muito rubras e manchadas com rastros secos de lágrimas. Ele suava, apesar do frio, e a voz estava trêmula e desesperada.

— Você precisa vir — disse ao cambalear para dentro. — Pegaram minha família. Estão aqui.

— Quem está aqui?

— Os Caçadores de Sombras loucos de quem todos estão com medo. Chegaram. *Pegaram minha família*. Você precisa vir *agora*.

— O Círculo?

O menino balançou a cabeça, não para discordar, mas porque estava confuso. Magnus pôde ver que ele não sabia o que era o Círculo, mas a descrição encaixava. Só podia estar falando deles.

— Onde estão? — perguntou Magnus.

— Em Chinatown. No abrigo. — O garoto quase tremeu com impaciência. — Minha mãe ficou sabendo que esses malucos estavam aqui. Já mataram um monte de vampiros no East Harlem mais cedo, e eles disseram que foi por matarem mundanos, mas ninguém ouviu nada sobre nenhum mundano morto. Uma fada avisou que estavam indo para Chinatown nos pegar. Então minha mãe levou todo mundo para o abrigo, mas aí eles invadiram. Eu saí por uma janela. Minha mãe mandou procurar você.

A história foi relatada de forma tão atropelada, com tanta pressa, que Magnus não teve tempo de desembaralhá-la.

— Quantos vocês são?

— Minha mãe, meu irmão e mais seis do bando.

Portanto, nove licantropes em perigo. O teste tinha chegado, e tão depressa que Magnus não teve tempo de analisar seus sentimentos ou pensar em um plano.

— Ouviu alguma coisa que o Círculo disse? — perguntou Magnus. — Do que acusaram sua família?

— Disseram que nosso bando fez alguma coisa, mas eu não sei de nada. Não importa, importa? Eles matam de qualquer jeito, é isso que todo mundo diz! Você *precisa vir*.

O menino pegou a mão de Magnus e começou a puxá-lo. O feiticeiro se soltou e alcançou uma caneta e um papel.

— Você — falou, escrevendo o endereço de Catarina —, vá a este endereço. Não vá a nenhum outro lugar. Fique lá. Vai encontrar uma moça azul muito gentil. Eu vou até o abrigo.

— Vou com você.

— Faça o que estou dizendo ou não vou. — Magnus se irritou. — Não há tempo para discutir. Você decide.

O menino lutou contra as lágrimas. Limpou os olhos violentamente com as costas da mão.

— Vai buscá-los? — perguntou. — Promete?

— Prometo — falou Magnus.

Como faria isso, não tinha ideia. Mas a luta tinha chegado. Finalmente a luta tinha chegado.

A última coisa que Magnus fez antes de sair foi anotar os detalhes: onde ficava o abrigo — um armazém —, o que ele temia que o Círculo fosse fazer com os lobisomens lá dentro. Dobrou o papel em forma de pássaro e enviou, com um peteleco e uma explosão de faíscas azuis. O papelzinho frágil balançou no vento como uma folha seca, voando pela noite em direção às torres de Manhattan, que cortavam a escuridão como facas brilhantes.

Não sabia por que tinha se dado ao trabalho de mandar uma mensagem aos

Whitelaw. Duvidava que ajudassem.

Magnus correu por Chinatown, sob as luzes de neon que piscavam e chiavam, pela bruma amarela da cidade que pairava como fantasmas pedindo esmolas a passantes. Passou por um grupo de pessoas se drogando em uma esquina, e finalmente chegou à rua onde ficava o armazém, o telhado de zinco batendo com o vento noturno. Um mundano o enxergaria menor do que de fato era, pobre e escuro, as janelas tapadas. Magnus via as luzes e a janela quebrada.

Havia uma pequena voz na cabeça do feiticeiro orientando-o a ter cuidado, mas ele já tinha ouvido com grande riqueza de detalhes o que o Círculo de Valentim fazia com membros vulneráveis do Submundo ao encontrá-los.

Correu em direção ao abrigo, quase tropeçando com as botas no pavimento rachado. Chegou às portas duplas, pichadas com auréolas, coroas e espinhos, e as abriu.

Na sala principal do abrigo, com as costas para a parede, havia um grupo de lobisomens, a maioria ainda em forma humana, embora Magnus pudesse ver garras e dentes em alguns que estavam agachados, em posição defensiva.

Cercando-os havia um grupo de jovens Caçadores de Sombras.

Todos se viraram e olharam para Magnus.

Mesmo que os Caçadores de Sombras estivessem esperando alguma interrupção e os lobisomens torcessem por um salvador, aparentemente ninguém esperava tanto rosa-shocking.

Os relatos sobre o Círculo eram verdadeiros. Tantos deles eram dolorosamente jovens, uma geração novinha de Caçadores de Sombras, guerreiros brilhantes que tinham acabado de chegar à vida adulta. Magnus não ficou surpreso, mas achou triste e absurdo o fato de desperdiçarem o brilhante princípio de vida naquele ódio sem sentido.

Na frente da multidão de Caçadores de Sombras havia um pequeno grupo de pessoas que, apesar de jovens, tinham um ar de autoridade — o Círculo mais íntimo de Valentim. Magnus não reconheceu ninguém que correspondesse às descrições que ouvira sobre o líder.

Ele não tinha certeza, mas achou que o atual líder do grupo fosse o menino lindo de cabelos dourados e olhos azuis profundos, ou o jovem a seu lado com cabelos escuros e um rosto fino e inteligente. Magnus já estava vivo havia muito tempo e sabia identificar quais membros de um grupo eram os líderes. Nenhum dos dois parecia imponente, mas a linguagem corporal dos outros destoava da deles. Os dois

estavam ladeados por um homem e uma mulher, ambos de cabelos negros e expressões ferozes como as de um falcão, e, por trás do homem de cabelos negros, encontrava-se um rapaz bonito e de cabelos cacheados. Atrás deles havia mais ou menos outros seis. Na outra ponta do salão, tinha uma porta, só uma, diferentemente das portas duplas pelas quais Magnus entrara, uma porta interna que levava à outra câmara. Um jovem e robusto Caçador de Sombras estava diante delas.

Havia muitos deles a combater, e eram todos tão jovens e recém-saídos da escola que Magnus jamais os teria encontrado antes. Ele não lecionava na academia de Caçadores de Sombras havia décadas, mas se lembrava das salas, das aulas sobre o Anjo e dos rostos jovens absorvendo cada palavra sobre seus deveres sagrados.

E estes jovens adultos Nephilim saíram da escola para fazer isso.

— O Círculo de Valentim, presumo? — falou, e viu todos se espantarem com as palavras, como se achassem que os integrantes do Submundo não tinham os próprios meios de transmissão de informações quando estavam sendo caçados. — Mas acho que não estou vendo Valentim Morgenstern. Soube que ele tem carisma suficiente para atrair pássaros de árvores e convencê-los a viver embaixo d'água, é alto, absurdamente bonito e tem cabelos platinados. Nenhum de vocês se encaixa na descrição.

Magnus hesitou.

— E você também não tem cabelos platinados.

Todos pareceram chocados em serem tratados daquela forma. Eram de Idris e, sem dúvida, se é que conheciam algum feiticeiro, eram feiticeiros como Ragnor, que sempre fazia questão de ser profissional e civilizado em todas as suas relações com os Nephilim. Marian Whitelaw pode até ter pedido para que Magnus controlasse a língua, mas não teria ficado chocada pela forma como ele falava. Essas crianças estúpidas se contentavam em odiar de longe, em lutar e nunca falar com membros do Submundo, em nunca se arriscar nem por um segundo a ver seus inimigos como pessoas.

Achavam que sabiam de tudo, mas sabiam tão pouco.

— Sou Lucian Graymark — disse o jovem de rosto magro e inteligente à frente do grupo. Magnus já tinha ouvido esse nome antes; o *parabatai* de Valentim, seu braço direito, mais querido que um irmão. Magnus antipatizou com ele assim que o garoto se pronunciou. — Quem é você para vir aqui e interferir em nossa busca pelo cumprimento dos deveres a que juramos?

Graymark manteve a cabeça erguida e falou com uma voz clara e autoritária que escondia sua idade. Parecia um perfeito filho do Anjo, severo e impiedoso. Magnus olhou para trás, por cima do ombro, para os licantropes, agrupados no fundo da sala.

Ele levantou a mão e pintou uma linha de magia, uma barreira bruxuleante em azul e dourado. Fez a luz arder com tanta força quanto qualquer espada de anjo faria e

bloqueou a passagem dos Caçadores de Sombras.

— Sou Magnus Bane. E vocês estão invadindo minha cidade.

A afirmação foi recebida com uma risada.

— *Sua* cidade? — questionou Lucian.

— Precisam soltar essas pessoas.

— Essas *criaturas* — corrigiu Lucian — são parte do bando de lobos que matou os pais do meu *parabatai*. Nós os rastreamos até aqui. Agora podemos aplicar a justiça dos Caçadores de Sombras, o que é nosso direito.

— Não matamos nenhum Caçador de Sombras! — disse a única mulher entre os licantropes. — E meus filhos são inocentes. Matar meus filhos seria assassinato. Bane, precisa fazer com que deixem meus filhos. Ele está com...

— Não vou mais aturá-la ganindo como um cachorro vira-lata — disse o jovem com cara de falcão que estava ao lado da mulher de cabelos negros.

Pareciam um conjunto combinado, e as expressões em seus rostos eram igualmente ferozes.

Valentim não era famoso por sua clemência, e Magnus não levava a menor fé de que o Círculo fosse poupar as crianças.

Os licantropes podiam estar parcialmente transformados em lobos, mas não pareciam prontos para lutar, e Magnus não sabia por quê. Havia Caçadores de Sombras demais para que tivesse certeza de que, sozinho, ele de que seria capaz de combatê-los. O melhor que podia fazer era ganhar tempo com conversa e torcer para provocar dúvidas em alguns membros do Círculo, ou que Catarina viesse, ou os Whitelaw, e que defendessem os integrantes do Submundo, e não a própria espécie.

Parecia uma esperança muito vã, mas era tudo o que tinha.

Magnus não pôde deixar de olhar novamente para o jovem de cabelos dourados à frente do grupo. Havia algo de terrivelmente familiar nele, assim como uma sugestão de ternura em seus lábios e dor nas profundezas azuis de seus olhos. Algo que fez Magnus olhar para ele como se fosse a única chance de demover o Círculo de seu propósito.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

Os olhos azuis se estreitaram.

— Stephen Herondale.

— Conheci muito bem os Herondale, em outros tempos — afirmou Magnus, e percebeu que foi um erro ao ver a forma como Stephen se encolheu. O Caçador de Sombras sabia de alguma coisa, ouviu algum boato sombrio sobre sua árvore genealógica e estava desesperado para provar que não era verdade. Magnus não sabia o quão desesperado Stephen Herondale poderia estar, e não tinha a menor vontade de descobrir. Prosseguiu, dirigindo-se cordialmente a todos eles: — Sempre fui amigo dos Caçadores de Sombras. Conheço muitas de suas famílias, há centenas

de anos.
— Não há nada que possamos fazer para corrigir o juízo contestável de nossos ancestrais — disse Lucian.
Magnus detestava esse sujeito.
— Além disso — acrescentou Magnus, ignorando Lucian Graymark —, acho essa história suspeita. Valentim está pronto para caçar qualquer membro do Submundo sob qualquer pretexto. O que os vampiros que mataram no Harlem fizeram com ele?
Stephen Herondale franziu o rosto e olhou para Lucian, que, por sua vez, pareceu confuso, mas disse:
— Valentim me falou que foi até lá caçar alguns vampiros que violaram os Acordos.
— Ah, os membros do Submundo são tão culpados. E é tão conveniente para vocês, não? E os filhos deles? O menino que foi me chamar tinha mais ou menos 9 anos. Ele tem comido carne de Caçador de Sombras?
— Os filhotes roem qualquer osso que os mais velhos trouxerem — murmurou a mulher de cabelos negros, e o homem ao lado dela assentiu.
— Maryse, Robert, por favor. Valentim é um homem nobre! — disse Lucian, elevando a voz ao virar para se dirigir a Magnus. — Ele não machucaria uma criança. Valentim é meu *parabatai*, meu melhor e mais amado irmão de espada. A luta dele é a minha. A família dele foi destruída; os Acordos, violados, e ele merece e terá sua vingança. Não se meta, feiticeiro.
Lucian Graymark não estava com a mão na arma, mas Magnus viu que a mulher de cabelos negros, Maryse, atrás dele, tinha uma lâmina reluzente entre os dedos. O feiticeiro olhou outra vez para Stephen e percebeu exatamente por que seu rosto era tão familiar. Cabelos dourados e olhos azuis — era uma versão mais esguia e etérea de Edmund Herondale, como se Edmund tivesse descido do céu, duas vezes mais angelical. Magnus não o conhecera muito bem, mas ele era o pai de Will Herondale, um dos pouquíssimos Caçadores de Sombras que Magnus considerou seu amigo.
Stephen viu Magnus o observando. Os olhos de Stephen naquele momento estavam tão cerrados que o doce azul se perdeu, e pareciam negros.
— Chega desta conversa com o fruto do demônio! — disse ele. Parecia estar citando alguém, e Magnus apostava que sabia quem era.
— Stephen, não... — ordenou Lucian, mas o menino de cabelos dourados já estava com a faca apontada para um lobisomem.
Magnus agitou a mão e derrubou a faca no chão. Olhou para os licantropes. A mulher que se pronunciara antes o encarou intensamente, como se tentasse transmitir algum recado apenas com os olhos.
— Foi isso que o Caçador de Sombras moderno se tornou, então? — perguntou Magnus. — Deixe-me ver, como é mesmo a historinha de ninar sobre como vocês

são ultraespeciais?... Ah, sim. Através das eras, sua missão é proteger a humanidade, lutar contra as forças do mal até que sejam enfim derrotadas e o mundo possa viver em paz. Vocês não me parecem particularmente interessados na paz ou em proteger ninguém. Pelo que, exatamente, estão lutando?

— Estou lutando por um mundo melhor para mim e para meu filho — disse a mulher chamada Maryse.

— Não tenho o menor interesse no mundo que você quer — respondeu Magnus. — Ou no seu pestinha, sem dúvida repulsivo, devo dizer.

Robert sacou uma adaga da manga. O feiticeiro não estava preparado para gastar toda a mágica desviando de adagas. Levantou a mão, e a luz do recinto se extinguiu. Apenas o barulho e o brilho do neon da cidade entravam, sem oferecer luminosidade suficiente para enxergar, mas Robert lançou a adaga mesmo assim. Foi quando o vidro das janelas quebrou e formas escuras vieram em enxurrada: a jovem Rachel Whitelaw aterrissou, rolando no chão na frente de Magnus, e recebeu no ombro a adaga que fora destinada a ele.

Magnus conseguia enxergar melhor do que a maioria no escuro. Viu que, por mais incrível que parecesse, os Whitelaw tinham vindo. Marian Whitelaw, a diretora do Instituto; seu marido, Adam; o irmão de Adam; e os jovens primos Whitelaw que Marian e o marido acolheram quando ficaram órfãos. Os Whitelaw já tinham lutado naquela noite. Suas roupas de combate estavam rasgadas e manchadas de sangue, e Rachel Whitelaw estava nitidamente ferida. Havia sangue no cabelo curto e grisalho de Marian, mas Magnus não achou que fosse dela. Marian e Adam Whitelaw, Magnus sabia, não conseguiram ter filhos. Dizia-se que adoravam os primos jovens que moravam com eles, e que sempre faziam muita festa para qualquer jovem Caçador de Sombras que ia para seu Instituto. Os membros do Círculo deveriam ser colegas dos primos Whitelaw, criados juntos em Idris. O Círculo era exatamente projetado para conquistar a simpatia da família.

No entanto, o Círculo estava em pânico. Não conseguiam enxergar como Magnus conseguira. Não sabiam quem os estava atacando, só que alguém tinha vindo ajudar o feiticeiro. Ele viu o balanço e ouviu as batidas de lâminas se encontrando, tão alto que foi quase impossível ouvir os comandos gritados de Marian Whitelaw para que o Círculo parasse e largasse as armas. Ficou imaginando qual dos integrantes do Círculo se deu conta de quem eram os inimigos. Invocou uma pequena luz na palma da mão e procurou a mulher licantrope. Precisava saber por que os lobisomens não estavam atacando.

Alguém esbarrou nele. Magnus olhou nos olhos de Stephen Herondale.

— Você nunca tem dúvidas em relação a tudo isso? — O feiticeiro arfou.

— Não — respondeu Stephen, sem fôlego. — Já perdi demais... sacrifiquei demais por esta grande causa para virar as costas agora.

Ao falar, Stephen levantou a faca para a garganta de Magnus. Este esquentou o cabo da lâmina na mão do garoto até que ele a derrubasse.

De repente, não se importou com os sacrifícios de Stephen ou com a dor em seus olhos azuis. Magnus queria que ele desaparecesse da Terra. Queria se esquecer de que já tinha visto o rosto do garoto, tão cheio de ódio e tão parecido com rostos que Magnus amou. O feiticeiro produziu um novo encanto com a mão, e estava prestes a lançá-lo contra Stephen, quando um pensamento o freou. Não sabia como poderia voltar a encarar Tessa se matasse um de seus descendentes.

Então Marian Whitelaw se colocou à luz do feitiço que brilhava na mão de Magnus, e o rosto de Stephen ficou branco de surpresa.

— É a senhora! Nós não deveríamos... Somos Caçadores de Sombras. Não deveríamos nos opor por causa deles. São do *Submundo* — sibilou Stephen. — Vão se voltar contra vocês como os cães traiçoeiros que são. Não justificam uma luta. O que me diz?

— Não tenho nenhuma prova de que esses licantropes violaram os Acordos.

— Valentim disse — começou Stephen, mas Magnus ouviu a incerteza em sua voz. Lucian Graymark podia acreditar que só perseguiam os membros do Submundo que violaram os Acordos, mas, pelo menos, Stephen sabia que estavam agindo mais como vigilantes do que como Caçadores de Sombras cumpridores da Lei. Stephen vinha agindo assim.

— Não me importo com o que Valentim Morgenstern diz. Eu digo que a Lei é dura — respondeu Marian Whitelaw. Sacou a própria lâmina, empunhou e encontrou a de Stephen.

Os olhos se encontraram, brilhando, sobre as lâminas.

Marian continuou suavemente:

— Mas é a Lei. Vocês não tocarão nesses integrantes do Submundo enquanto eu ou qualquer um que tenha meu sangue viver.

O caos tomou conta da situação, mas os temores mais sombrios de Magnus foram contrariados. Quando a luta eclodiu, ele teve Caçadores de Sombras ao seu lado, combatendo Caçadores de Sombras, lutando pelos membros do Submundo e pelos Acordos de paz que tinham estabelecido.

A primeira morte foi da jovem Whitelaw. Rachel se lançou contra a mulher de nome Maryse, e a ferocidade crua do ataque espantou Maryse de tal modo que Rachel quase a derrubou. Maryse tropeçou e se recompôs, procurando uma nova lâmina. Então o homem de cabelos negros, Robert, que Magnus presumiu ser o

marido, avançou contra Rachel e atacou.

Ela perdeu a firmeza, a ponta da lâmina do sujeito parecia um alfinete perfurando-a, como se ela fosse uma borboleta.

— Robert! — chamou Maryse, suavemente, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo.

Robert tirou a espada do peito de Rachel, que caiu no chão.

— Rachel Whitelaw acaba de ser morta por um Caçador de Sombras — gritou Magnus, e mesmo naquele instante achou que Robert fosse gritar que só estava defendendo a esposa. Magnus achou que os Whitelaw fossem abaixar as próprias armas em vez de derramar mais sangue Nephilim.

Mas Rachel era o bebê da família, a caçulinha especial de todos. Os Whitelaw, em perfeita sintonia, rugiram um desafio e avançaram com duas vezes mais ferocidade. Adam Whitelaw, um senhor obstinado de cabelos brancos, que sempre pareceu simplesmente seguir os comandos da esposa, atacou o Círculo de Valentim, girando um machado brilhante sobre a cabeça e cortou todos em seu caminho.

Magnus foi para perto dos lobisomens, até a única mulher que permanecia humana, apesar de estar com os dentes e as garras cada vez maiores.

— Por que vocês não estão lutando? — perguntou ele.

A licantrope olhou para Magnus como se ele fosse impossivelmente burro.

— Porque Valentim está aqui. — Ela se irritou. — Porque ele está com minha filha. Ele a levou por ali e disse que, se o seguíssemos a mataria.

Magnus não teve nem um instante para pensar no que Valentim faria com uma menininha desprotegida e do Submundo. Ele levantou uma das mãos e jogou no chão o Caçador de Sombras corpulento que guardava a porta no lado oposto da sala, e então correu até lá.

Ouviu atrás de si os gritos dos Whitelaw, perguntando:

— Bane, onde você está...

E um grito, que Magnus achou ser de Stephen, dizendo:

— Ele está indo atrás de Valentim! Matem-no!

Atrás da porta, Magnus ouviu um ruído baixo e terrível. E a abriu.

Do outro lado havia uma sala pequena e comum, do tamanho de um quarto, apesar de não haver cama, com apenas duas pessoas uma cadeira: um homem alto de cabelos platinados, trajando roupas pretas de Caçador de Sombras, diante de uma menina que parecia ter mais ou menos 12 anos. Ela estava amarrada à cadeira, com uma corda prateada, e emitia um terrível ruído baixo, uma mistura de choramingo e resmungo.

Os olhos da menina brilhavam, Magnus pensou por um instante, o luar transformando-os em espelhos.

Seu erro durou apenas o mais breve dos instantes. Então Valentim se moveu

ligeiramente e o brilho dos olhos da garota surgiu na visão de Magnus. O brilho não era dos olhos. Eram moedas de prata pressionadas contra os olhos da menina, pequenos trilhos de fumaça emergindo dos discos enquanto os sons escapavam por seus lábios. Ela estava tentando conter os gemidos de dor, porque estava morrendo de medo do que Valentim faria em seguida.

— Aonde foi seu irmão? — perguntou Valentim, e os soluços da menina continuaram, mas ela não disse nada.

Por um instante Magnus teve a impressão de ter se transformado em tempestade, com negras nuvens curvas, raios e trovões. E tudo o que a tempestade queria era voar no pescoço de Valentim. O feitiço de Magnus partiu quase por vontade própria, saltando de suas duas mãos. Parecia um raio, ardendo, tão azul que era quase branco. Derrubou Valentim e o empurrou contra a parede. O rapaz atingiu a parede com tanta força que se ouviu uma rachadura, e ele deslizou para o chão.

Esse único ato exigiu grande parte do poder de Magnus, mas ele não podia pensar naquilo no momento. Correu para perto da cadeira da menina e arrancou a corrente, em seguida, tocou-a no rosto com uma suavidade dolorosa.

Ela estava chorando, mais livremente, estremecendo e soluçando sob as mãos do feitiçeiro.

— Calma, calma. Seu irmão me mandou aqui. Sou Magnus Bane; você está segura — murmurou, e a afagou na nuca.

As moedas a estavam machucando. Tinham que ser retiradas. Mas será que removê-las faria mais mal? Magnus sabia curar, mas nunca fora sua especialidade, como era a de Catarina, e ele não precisava cuidar de lobisomens com frequência. Eram tão resistentes. Ele só podia torcer para que ela fosse forte.

Levantou as moedas com a máxima gentileza possível e as arremessou contra a parede.

Era tarde demais. Já era tarde demais antes mesmo de ele entrar no recinto. Ela estava cega. Os lábios da menina se abriram. Ela perguntou:

— Meu irmão está seguro?

— Tão seguro quanto possível, querida — respondeu Magnus. — Vou levá-la até ele.

Assim que disse a palavra “ele”, sentiu a lâmina fria afundar em suas costas e a boca se encher de sangue quente.

— Ah, vai? — A voz de Valentim perguntou no seu ouvido.

A lâmina foi retirada, e doeu tanto saindo quanto tinha doído ao entrar. Magnus cerrou os dentes, agarrou com mais força as costas da cadeira, mantendo-se arqueado para proteger a criança, e virou o rosto para encarar Valentim. O homem de cabelos brancos parecia mais velho do que os outros líderes, porém Magnus não sabia ao certo se era mais velho ou se o propósito frio que o guiava simplesmente

fazia com que seu rosto parecesse esculpido em mármore. Magnus quis esmagá-lo.

A mão de Valentim se moveu, e o feiticeiro só conseguiu segurá-lo pelo punho pouco antes de a lâmina se enterrar em seu coração.

Magnus se concentrou e fez a mão de Valentim queimar, luz azul circulava seus dedos. Ele fez o contato arder como o toque da prata fizera com a garotinha, e sorriu ao ouvir o sibilo de dor do Caçador de Sombras.

Valentim não perguntou seu nome como fizeram os outros, não tratou Magnus como uma pessoa. Simplesmente o encarou com olhos frios, do mesmo jeito que qualquer pessoa olharia para um animal detestável em seu caminho, impedindo seu progresso.

— Você está interferindo em meus assuntos, feiticeiro.

Magnus cuspiu sangue no rosto dele.

— Você está torturando uma menininha na minha cidade, Caçador de Sombras.

Valentim usou a mão livre para desferir um golpe em Magnus que o fez cambalear para trás. O Caçador de Sombras girou e foi atrás do feiticeiro, que pensou *ótimo*. Significava que estava se afastando da garotinha.

Ela estava cega, mas era licantrope; olfato e audição eram tão importantes quanto visão. Poderia correr, encontrar o caminho de volta para a família.

— Pensei que estivéssemos num jogo de dizer o que o outro é, e o que tinha feito — disse Magnus. — Será que me confundi? Posso tentar de novo? Você está transgredindo suas próprias Leis sagradas, babaca?

Ele olhou para a garota, torcendo para que ela fosse correr, mas a licantrope parecia congelada de tanto pavor. Magnus não ousou chamá-la, para não atrair a atenção de Valentim.

Levantou a mão, desenhando um feitiço no ar, mas Valentim viu o feitiço se aproximando e desviou. Pulou e, com velocidade de Nephilim, pegou impulso na parede para atacar Magnus. Passou uma rasteira que tirou o feiticeiro do chão. Ao aterrissar, Magnus levou um chute brutal de Valentim, que sacou uma espada e atacou. O feiticeiro rolou, sendo atingido nas costelas. Camisa e pele foram cortadas, mas nenhum órgão vital foi acertado. Não daquela vez.

Magnus torceu desesperadamente para que não morresse ali, naquele armazém frio, longe de todos que amava. Tentou se levantar, mas o chão estava escorregadio por causa do próprio sangue, e a energia que restava para magia não era suficiente para se curar, nem para lutar, quanto mais para fazer os dois.

Marian Whitelaw se colocou na frente dele, com as lâminas empunhadas e novos símbolos brilhando nos braços. Seu cabelo brilhava, prateado, na visão borrada de Magnus.

Valentim manejou a espada e a cortou quase ao meio.

Magnus engasgou, perdendo a chance de se salvar tão depressa quanto a

encontrara; em seguida, virou a cabeça na direção do som de mais passos na pedra.

Inocentemente, torceu para que fosse mais um resgate. Viu um dos membros do Círculo de Valentim na entrada com os olhos fixos na menina licantrope.

— Valentim! — gritou Lucian Graymark. Ele correu para a menina, e Magnus ficou tenso, se encolheu para dar um salto e então congelou ao ver Lucian pegar a licantrope e virar para o mestre. — Como pôde fazer isso? Ela é uma criança!

— Não, Lucian. Ela é um mostro em forma de criança.

Lucian estava segurando a menina, com a mão em seu cabelo, afagando e acariciando. Magnus estava começando a achar que talvez tivesse feito mau juízo de Lucian Graymark. O rosto de Valentim ficou branco como osso. Pareceu mais do que nunca uma estátua.

Valentim falou lentamente:

— Você não me prometeu obediência incondicional? Diga-me, para que preciso de um braço direito que me debilita assim?

— Valentim, eu te amo e compartilho da sua dor — disse Lucian. — Sei que é um bom homem. Sei que se parar e pensar vai ver que isso é loucura.

Quando Valentim deu um passo em direção a ele, Lucian recuou. Curvou a mão de forma protetora sobre a cabeça da menina, que se segurava com as pequenas pernas entrelaçadas na cintura dele, e a outra mão se mexeu como se fosse alcançar a arma.

— Muito bem — disse Valentim suavemente. — Como quiser.

Saiu da frente para que Lucian Graymark pasasse em direção ao corredor e voltasse para a sala onde os licantropes acharam que estariam seguros. Deixou que Lucian levasse a filha dos lobisomens de volta para eles e o seguiu de longe.

Magnus não confiava nem um pouco em Valentim. Não acreditaria que a menina fosse estar segura até que estivesse nos braços da mãe.

Lucian Graymark ajudara o feitiçeiro a ganhar tempo suficiente para reunir energia. Magnus se concentrou, sentiu sua pele cicatrizar enquanto o poder diminuía.

Levantou-se do chão e correu atrás deles.

A luta na sala de onde saíram estava mais quieta, pois muitos estavam mortos. Alguém tinha conseguido acender novamente as luzes. Havia um lobo morto caído

no chão, transformando-se aos poucos em um homem jovem e pálido. Outro jovem — do Círculo — estava caído a seu lado, e na morte não pareciam diferentes.

Muitos Caçadores de Sombras do Círculo de Valentim continuavam de pé, mas não restava nenhum dos Whitelaw. Maryse Lightwood estava com o rosto nas mãos. Alguns dos outros se encontravam visivelmente abalados. Depois que as sombras e a adrenalina da batalha tinham retrocedido e, eles estavam sob a luz, vendo o que tinham feito.

— Valentim — disse Maryse, a voz suplicante enquanto o líder se aproximava. — Valentim, o que fizemos? Os Whitelaw estão mortos... Valentim...

Quando Valentim se aproximou, todos olharam para ele, se agrupando perto do líder como crianças assustadas, e não adultos. Valentim provavelmente os dominara quando eram muito jovens, Magnus pensou, mas não conseguiu se importar se tinham sofrido lavagem cerebral ou ilusão, não depois do que fizeram. Parecia não restar nele nenhum sentimento de pena.

— Não fizeram nada além de tentar garantir a Lei — respondeu Valentim. — Vocês sabem que todos os traidores da nossa espécie devem pagar um dia. Se eles tivessem deixado nosso caminho livre, confiado em nós, que, como eles, somos filhos do Anjo, tudo teria ficado bem.

— E a Clave? — perguntou o homem de cabelos cacheados, com um tom de desafio na voz.

— Michael — murmurou o marido de Maryse.

— O que que tem eles, Wayland? — perguntou Valentim, com a voz aguda. — Os Whitelaw morreram por causa de um bando de lobisomens rebeldes. É a verdade, e é o que diremos à Clave.

O único do Círculo de Valentim que não o ouvia desesperadamente era Lucian Graymark. Foi até a mulher licantrope e colocou a garotinha em seus braços. Magnus ouviu a mulher respirar fundo ao ver os olhos da filha. Escutou-a chorar suavemente. Lucian ficou ao lado da mãe e da filha, parecendo profundamente perturbado, então atravessou o salão com passos subitamente determinados.

— Vamos, Valentim — disse ele. — Tudo isso com os Whitelaw foi... Foi um terrível acidente. Não podemos permitir que nosso Círculo sofra por isso. Melhor irmos agora. Essas criaturas não são dignas do seu tempo, nenhuma delas. Esses lobisomens são apenas vira-latas que se separaram do bando. Você e eu vamos caçar o acampamento dos lobisomens, onde está a verdadeira ameaça esta noite. Vamos derrotar juntos o líder do bando.

— Juntos. Mas amanhã à noite. Vamos até minha casa hoje? — perguntou Valentim, com a voz baixa. — Jocelyn tem uma coisa para contar.

Lucian agarrou o braço de Valentim, claramente aliviado.

— Claro. Qualquer coisa por Jocelyn. Qualquer coisa por vocês dois. Você sabe

disso.

— Meu amigo — disse Valentim. — Eu sei.

Valentim apertou o braço de Lucian em retribuição, mas Magnus viu o olhar que o líder lançou ao amigo. Havia amor, mas também havia ódio, e o ódio estava vencendo. Era claro como a barbatana prateada de um tubarão nas águas profundas dos olhos negros de Valentim. Havia morte naqueles olhos.

Magnus não se surpreendeu. Já tinha visto muitos monstros capazes de amar, mas apenas alguns que conseguiam permitir que o amor os transformasse, que conseguiram transformar o amor por um em gentileza para muitos.

Lembrou-se do rosto de Valentim quando o líder do Círculo cortou Marian Whitelaw ao meio, e ficou imaginando como seria morar com alguém como ele, ficou imaginando como seria para sua esposa, que Marian descreveu como adorável. Era possível dividir a cama com um monstro, deitar a cabeça no mesmo travesseiro ao lado de uma cabeça cheia de morte e loucura. O próprio Magnus já tinha feito isso.

Mas um amor tão cego quanto aquele não durava. Um dia você levantava a cabeça do travesseiro e percebia que estava vivendo um pesadelo.

Lucian Graymark podia ser o único do bando com o qual valia a pena perder tempo, e Magnus podia apostar que ele estava com o pé na cova.

O feiticeiro se enganou terrivelmente ao permitir que o passado o confundisse; enganou-se ao acreditar que quem possuía uma bondade latente era Stephen Herondale. Magnus olhou para Stephen, para seu belíssimo rosto e a boca fraca. Teve um impulso repentino de contar ao Caçador de Sombras que havia amado seu ancestral, que Tessa ficaria decepcionada com ele. Mas não queria que o Círculo de Valentim se lembrasse ou fosse atrás dela.

Não falou nada. Stephen Herondale já tinha escolhido seu lado, e Magnus, o dele. O Círculo de Valentim deixou o armazém, marchando como um pequeno exército.

Magnus correu para onde o velho Adam Whitelaw se encontrava em uma poça de sangue, seu machado caído, parado, na mesma poça.

— Marian? — perguntou Adam.

Magnus se ajoelhou na poça, procurando os piores ferimentos para fechá-los. Eram muitos, demais.

O feiticeiro olhou nos olhos de Adam, onde a luz se apagava, e soube que o velho tinha lido a resposta em seu rosto antes que Magnus pudesse pensar em mentir para ele.

— Meu irmão? — insistiu Adam. — As... as crianças?

Magnus fitou os mortos ao redor da sala. Quando voltou a olhar o moribundo, Adam Whitelaw tinha virado a cara e enrijecido a boca para não revelar que estava com dor ou tristeza. Magnus usou toda a magia que lhe restava para acalmar a dor

do homem, e, no fim, Adam levantou a mão e conteve Magnus, apoiando a cabeça em seu braço.

— Basta, feiticeiro — falou, com a voz rouca. — Eu não... Eu não viveria nem que pudesse. — Tossiu, um som terrível e molhado, e fechou os olhos.

— *Ave atque vale*, Caçador de Sombras — murmurou Magnus. — Seu anjo teria orgulho.

Adam Whitelaw não pareceu ouvir. Apenas um curto tempo depois, o último dos Whitelaw morreu nos braços do feiticeiro.

A Clave acreditou que os Whitelaw tivessem sido mortos por lobisomens rebeldes, e nada do que Magnus disse fez qualquer diferença. Ele não esperava que fossem acreditar. Nem sabia direito por que contou, exceto pelo fato de que os Nephilim claramente preferiam que tivesse ficado quieto.

Magnus esperou que o Círculo voltasse.

O Círculo não voltou a Nova York, mas Magnus os viu mais uma vez. Na Ascensão.

Pouco depois da noite no armazém, Lucian Graymark desapareceu como se tivesse morrido, e Magnus presumiu que esse fora mesmo o caso. Então, um ano mais tarde, o feiticeiro voltou a ouvir falar em Lucian. Ragnor Fell contou que havia um lobisomem que outrora fora Caçador de Sombras, e que ele estava avisando a todos que a hora tinha chegado, que o Submundo precisava estar pronto para lutar contra o Círculo. Valentim revelou seu plano e armou seu Círculo quando os Acordos de paz entre os Nephilim e os integrantes do Submundo seriam assinados novamente. Seu Círculo matou tanto Caçadores de Sombras quanto habitantes do Submundo no Grande Salão do Anjo.

Graças ao alerta de Lucian Graymark, os integrantes do Submundo puderam correr para o Salão e surpreender o Círculo de Valentim. Tinham sido alertados previamente e se armaram fortemente de antemão.

Os Caçadores de Sombras surpreenderam Magnus na ocasião, como os Whitelaw o surpreenderam antes. A Clave não abandonou os integrantes do Submundo para se juntar ao Círculo. A grande maioria deles, a Clave e as lideranças de Institutos, fez a mesma escolha que os Whitelaw fizeram anteriormente. Lutaram pelos aliados e pela paz, e o Círculo de Valentim foi derrotado.

No entanto, assim que a batalha acabou, os Caçadores de Sombras culparam os membros do Submundo pelas inúmeras mortes dos seus, como se a batalha tivesse sido ideia do Submundo. Os Caçadores de Sombras se orgulhavam de seu senso de

justiça, mas, para Magnus, sua justiça era sempre amarga.

As relações entre os Nephilim e o Submundo não melhoraram. Magnus duvidava que um dia isso acontecesse.

Principalmente quando a Clave mandou os últimos integrantes do Círculo, os Lightwood, e outro integrante chamado Hodge Starkweather, à cidade de Magnus para pagarem por seus crimes cuidando do Instituto como exilados da Cidade de Vidro. Os Caçadores de Sombras se tornaram escassos após o massacre, e não poderiam voltar a ser numerosos sem o Cálice Mortal, que parecia ter se perdido com Valentim. Os Lightwood sabiam que haviam sido tratados com clemência por suas relações com a Clave, e, se algum dia falhassem. a Clave acabaria com eles.

Raphael Santiago, do clã dos vampiros, que devia alguns favores a Magnus, relatou que os Lightwood eram distantes, porém escrupulosamente justos com todos os membros do Submundo com os quais entravam em contato. Magnus sabia que mais cedo ou mais tarde precisaria trabalhar com eles, aprenderia com eles a ser civilizado, mas preferia que isso acontecesse mais tarde. Toda a tragédia sangrenta do Círculo de Valentim havia acabado, e Magnus preferia não ter que olhar para trás, para a escuridão, e sim para a frente, e torcer por luz.

Por mais de dois anos após a Ascensão, Magnus não voltou a ver ninguém do Círculo de Valentim. Até que viu alguém.

Nova York, 1993

A vida dos feiticeiros era feita de imortalidade, magia, feitiços e emoções durante eras.

Mas, às vezes, Magnus queria ficar em casa, no sofá, assistindo à TV como uma pessoa qualquer. Estava sentado com Tessa, e eles assistiam a *Orgulho e preconceito* em vídeo. Tessa reclamava sem parar sobre como o livro era melhor.

— Não é o que Jane Austen iria querer — disse Tessa. — Se ela pudesse ver isso, tenho certeza de que ficaria horrorizada.

Magnus se levantou do sofá e foi olhar pela janela. Estava esperando a entrega do restaurante chinês, morto de fome após um dia de ociosidade e preguiça. Contudo, não viu nenhum entregador. A única pessoa na rua era uma mulher carregando um bebê enrolado por causa do frio. Estava andando depressa, sem dúvida a caminho de casa.

— Se Jane Austen pudesse ver isso — acrescentou Magnus —, presumo que

gritaria “há pequenos demônios nesta caixa! Chamem um clérigo!”, e bateria na televisão com a sombrinha.

A campainha tocou, e Magnus virou de costas para a janela.

— Finalmente — disse, pegando uma nota de dez dólares de uma mesa perto da porta e abriu o portão para o entregador. — Preciso de carne com brócolis antes de encarar mais Sr. Darcy. É uma verdade universalmente conhecida que se você assistir muito tempo à TV com o estômago vazio, sua cabeça cai.

— Se sua cabeça caísse — disse Tessa —, os cabeleireiros iriam à falência.

Magnus assentiu e tocou o próprio cabelo, que naquele momento estava na altura do queixo. Abriu a porta, ainda fazendo pose, e se viu diante de uma mulher com uma coroa de cachos ruivos. Ela segurava uma criança. Era a mulher que ele tinha visto na rua havia poucos instantes. O feiticeiro ficou espantado em encontrar à sua porta alguém de aparência tão... mundana.

A jovem vestia jeans e camiseta. Abaixou a mão, que estava levantada como se prestes a bater à porta, e Magnus viu-lhe as cicatrizes desbotadas e prateadas no braço. Ele já tinha visto muitas daquelas para se confundir.

A moça tinha Marcas do Pacto, carregava resquícios de velhos símbolos na pele, como lembranças. Não era nada mundana, portanto. Tratava-se de uma Caçadora de Sombras, mas uma Caçadora de Sombras sem Marcas novas, sem uniforme.

Não estava ali em missão oficial. Ela era um problema.

— Quem é você? — perguntou Magnus.

Ela engoliu em seco e respondeu:

— Sou... Era Jocelyn Morgenstern.

O nome suscitou antigas lembranças. Magnus se lembrou da lâmina nas costas e do gosto de sangue. Quis cuspir.

A mulher do monstro à sua porta. não conseguia parar de encará-la.

Ela também o olhava fixamente. Parecia hipnotizada por seu pijama. O feiticeiro sentiu-se verdadeiramente ofendido. Não tinha convidado nenhuma esposa de líder maluco de um culto para julgar seu guarda-roupa. Se quisesse deixar de usar camisa, e vestir calças vermelhas com estampa de ursos polares negros e um casaco de pijama de seda preta, podia. Ninguém que já teve a sorte de ver Magnus com roupas de dormir reclamou.

— Não me lembro de ter encomendado a mulher de um maníaco do mal — disse ele. — Foi definitivamente carne com brócolis. E você, Tessa? *Você* pediu a mulher de um maníaco do mal?

Magnus abriu mais a porta para que Tessa pudesse ver quem estava ali. Por um instante, ninguém falou nada. Então ele viu o calombo coberto nos braços de Jocelyn se mexer. Foi naquele instante que se lembrou de que havia uma criança.

— Vim aqui, Magnus Bane — disse Jocelyn —, para implorar sua ajuda.

Magnus apertou a porta até suas articulações ficarem brancas.

— Deixe-me pensar — respondeu ele. — Não.

Foi contido pela voz suave de Tessa.

— Deixe-a entrar, Magnus.

O feiticeiro virou para olhar para Tessa.

— Sério?

— Quero falar com ela.

A voz de Tessa tinha assumido um tom estranho. Além disso, o entregador apareceu com a bolsa de comida. Magnus balançou a cabeça, indicando para que Jocelyn entrasse, pagou os dez dólares e fechou a porta na cara confusa do homem, antes que ele tivesse a chance de entregar a comida.

Jocelyn então estava parada, pouco à vontade, perto da porta. A pessoinha em seu colo deu um chute e esticou as pernas.

— Você tem um bebê — disse Magnus, constatando o óbvio.

Jocelyn se mexeu, inquieta, e apertou a criança no peito.

Tessa caminhou silenciosamente até eles e se colocou ao lado de Jocelyn. Apesar de estar com legging preta e uma camiseta cinza grande demais que dizia William quer uma boneca, sempre tinha um ar de formalidade e autoridade. A camiseta, ao que parecia, era uma declaração feminista de que meninos gostavam de brincar com bonecas; e meninas, com carrinhos, mas Magnus desconfiou que ela tivesse escolhido por causa do nome. O marido de Tessa já estava morto havia tempo suficiente para que seu nome trouxesse lembranças alegres e desbotadas em vez da agonia que ela sentiu durante anos após sua morte. Outros feiticeiros amaram e perderam, mas poucos eram tão fiéis quanto Tessa. Décadas se passaram, e ela não tinha permitido que ninguém sequer chegasse perto de ganhar seu coração.

— Jocelyn Fairchild — disse Tessa. — Descendente de Henry Branwell e Charlotte Fairchild.

Jocelyn piscou como se não estivesse esperando uma palestra sobre a própria genealogia.

— Isso mesmo — respondeu, cautelosamente.

— Eu os conheci, sabe — explicou Tessa. — Você se parece muito com Henry.

— *Conheceu*? Então você deve...

Henry tinha morrido havia mais de meio século, e Tessa não parecia ter mais que 25 anos.

— Então você também é feiticeira? — perguntou Jocelyn, desconfiada.

Magnus viu seus olhos percorrerem Tessa da cabeça aos pés, procurando a marca do demônio, o sinal que indicava para os Caçadores de Sombras que ela não era limpa, não era humana, e deveria ser desprezada. Alguns feiticeiros conseguiam esconder a marca com a roupa, mas Jocelyn poderia olhar o quanto quisesse para

Tessa que não a encontraria.

Tessa não se levantou para chamar atenção, mas de repente ficou claro que ela era mais alta do que Jocelyn, e que seus olhos cinzentos podiam ser muito frios.

— Sou — respondeu Tessa. — Sou Theresa Gray, filha de um Demônio Maior e Elizabeth Gray, que nasceu Adele Starkweather, uma das suas. Fui esposa de William Herondale, que dirigiu o Instituto de Londres, e mãe de James Herondale e Lucie Blackthorn. Eu e Will criamos nossos filhos Caçadores de Sombras para protegerem os mundanos, para viverem de acordo com a Lei da Clave e do Pacto, para seguirem os Acordos.

Ela falava do jeito que conhecia bem, como os Nephilim.

— Houve um tempo em que vivi entre os Caçadores de Sombras — Tessa explicou em voz baixa. — Houve um tempo em que talvez quase tenha parecido uma pessoa para você.

Jocelyn tinha uma expressão perdida, como acontece quando alguém descobre algo tão estranho que o mundo inteiro parece irreconhecível.

— Compreendo se acharem meus crimes contra o Submundo imperdoáveis — falou Jocelyn —, mas eu... não tenho para onde ir. E preciso de ajuda. Minha filha precisa da sua ajuda. Ela é Caçadora de Sombras e filha de Valentim. Não pode viver entre os seus. Jamais poderemos voltar. Preciso de um feitiço para bloquear os olhos dela de tudo do Submundo Nephilim. Ela pode crescer segura e feliz no mundo mundano. Jamais precisará saber o que foi o pai dela... — Jocelyn quase engasgou, mas ergueu a cabeça e disse: — ou o que a mãe dela fez.

— Então você vem nos implorar — observou Magnus. — Aos monstros.

— Não tenho nenhum problema com os integrantes do Submundo — declarou Jocelyn enfim. — Eu... Meu melhor amigo é do Submundo, e não acredito que ele seja diferente da pessoa que sempre amei. Eu errei. Terei que conviver eternamente com o que fiz. Mas, por favor, minha filha não fez nada.

Seu melhor amigo, o integrante do Submundo. Magnus supôs que Lucian Graymark continuasse vivo então, apesar de ninguém tê-lo visto desde a Ascensão. Jocelyn subiu no conceito do feiticeiro por chamar Lucian de melhor amigo. As pessoas de fato diziam que eles dois planejaram derrotar Valentim juntos, apesar de Jocelyn não ter aparecido para confirmar o boato após a batalha. Magnus não a viu durante a Ascensão. Não sabia se deveria acreditar ou não no que ela dizia.

Ele sempre achou que a justiça Nephilim era mais uma crueldade, e não queria ser cruel. Olhou para o rosto cansado e desesperado da mulher e para a criança em seus braços, e não conseguiu ser cruel. Magnus acreditava em redenção, na graça incipiente de cada pessoa que conhecia. Era uma das poucas coisas em que precisava acreditar, na possibilidade da beleza mesmo em face de uma realidade tão feia.

— Você disse que foi casada com um Herondale. — Jocelyn apelou para Tessa, com a voz fraca, como se já pudesse enxergar a fraqueza do argumento, mas não tivesse nenhum outro. — Stephen Herondale foi meu amigo...

— Stephen Herondale teria me matado se tivesse me conhecido — disse Tessa. — Eu não estaria segura entre pessoas como você, ou como ele. Sou mulher e mãe de guerreiros que lutaram, morreram e nunca se desonraram como vocês fizeram. Já usei roupas de combate, empunhei lâminas e matei demônios, e tudo que sempre quis foi combater o mal para viver e ser feliz ao lado dos que amei. Torcia para que tivesse feito deste mundo um lugar mais seguro para meus filhos. Por causa do Círculo de Valentim, a linhagem Herondale, a linha dos filhos dos filhos do meu filho acabou. Isso aconteceu por sua causa, do seu Círculo e do seu marido. Stephen Herondale morreu com ódio no coração e com sangue de pessoas como eu nas mãos. Não consigo imaginar uma maneira pior para o fim da minha linhagem e da de Will. Terei que carregar para o resto da vida a ferida do Círculo de Valentim, e eu viverei para sempre.

Tessa hesitou e olhou para o rosto pálido e desesperado de Jocelyn; em seguida, falou, mais gentilmente:

— Mas Stephen Herondale fez suas próprias escolhas, e você fez outras além da do ódio. Sei que Valentim não poderia ter sido derrotado sem sua ajuda. E sua filha não fez nada de errado para ninguém.

— Isso não significa que ela tenha direito a nossa ajuda — interrompeu Magnus. Ele não queria rejeitar Jocelyn, mas ainda tinha uma voz incômoda dentro dele que dizia que ela era inimiga. — Além disso, não sou uma instituição de caridade para Caçadores de Sombras e duvido que ela tenha dinheiro para pagar pela minha ajuda. Fugitivos nunca têm.

— Vou arrumar o dinheiro — disse Jocelyn. — Não preciso de caridade, e não sou mais Caçadora de Sombras. Não quero mais nada com eles. Quero ser outra pessoa. Quero criar minha filha para ser outra pessoa, sem qualquer vínculo com a Clave, sem ser liderada ou levada para o mau caminho por ninguém. Quero que ela seja mais corajosa do que eu fui, mais forte do que eu fui, e que não permita que ninguém além dela mesma decida seu futuro.

— Ninguém poderia querer mais para um filho — disse Tessa, e se aproximou dela. — Posso segurá-la?

Jocelyn hesitou um instante, segurando firme o bebê, que estava todo enrolado. Então, lenta e relutantemente, com movimentos quase desajeitados, se inclinou para a frente e colocou a criança nos braços da mulher que acabara de conhecer.

— Ela é linda — murmurou Tessa. Magnus não sabia se Tessa havia segurado algum bebê nas últimas décadas, mas ela ajeitou a menina, mantendo-a firme no braço, com o ar casual e amoroso de uma mãe. Magnus já a tinha visto uma vez

segurando um dos netos assim. — Como se chama?

— Clarissa — respondeu Jocelyn, olhando fixamente para Tessa, e então, como se estivesse contando um segredo, falou: — Eu a chamo de Clary.

Magnus olhou por cima do ombro de Tessa para o rosto da criança. A menina era mais velha do que ele imaginara, pequena para a idade, mas o rosto já havia perdido o ar de bebê: ela devia ter quase 2 anos, e já se parecia com a mãe. Parecia uma Fairchild. Tinha cachos ruivos, da mesma cor dos de Henry, formando montinhos na pequena cabeça, e olhos verdes, claros como vidro e brilhantes como joias, piscando curiosos para os arredores. Ela parecia não se importar de estar no colo de uma estranha. Tessa ajeitou o cobertor da menina, e o punho pequeno e determinado de Clary se fechou em torno de seu dedo. A criança acenou com o dedo de Tessa para a frente e para trás, como se quisesse exibir sua nova posse.

Tessa sorriu para o bebê, um sorriso lento e alegre, e sussurrou:

— Oi, Clary.

Ficou claro que pelo menos Tessa já se convencera. Magnus se inclinou, apoiando levemente o ombro no dela, e olhou para o rosto da menina. Ele acenou para chamar sua atenção, movendo os dedos de modo que seus anéis brilharam à luz. Clary riu, com dentes brancos e a mais pura alegria, e Magnus sentiu o nó de ressentimento no peito afrouxar.

Clary se mexeu de modo a deixar claro que queria ser solta, mas Tessa a entregou para Jocelyn, para que a mãe decidisse se deveria ou não colocá-la no chão. Jocelyn podia não querer que a filha vagasse pelo apartamento de um feiticeiro.

Jocelyn realmente olhou em volta, apreensiva, mas mesmo sem decidir se era seguro ou pequeno, Clary era teimosa, e ela sabia que teria que soltá-la. Colocou a menina no chão, e ela partiu determinada em sua exploração. Ficaram parados olhando enquanto ela pegava alternadamente o livro de Tessa, uma das velas de Magnus (que ela mastigou, pensativa, por um instante), e uma bandeja de prata que Magnus havia deixado embaixo do sofá.

— Curiosinha, não? — perguntou Magnus. Jocelyn olhou para ele. Seus olhos estavam ansiosamente fixos na filha. Magnus se pegou sorrindo para ela. — Não é uma característica ruim — garantiu. — Ela pode crescer e se tornar uma aventureira.

— Quero que ela cresça, seja feliz e fique em segurança — disse Jocelyn. — Não quero que viva aventuras. Aventuras acontecem quando a vida é cruel. Quero que tenha uma vida mundana, quieta e doce, e torci para que nascesse incapaz de enxergar o Mundo das Sombras. Não é um mundo para crianças. Mas nunca dei sorte com a esperança. Eu a vi tentando brincar com uma fada em um arbusto hoje à tarde. Preciso da sua ajuda. Preciso que a ajude. Pode deixá-la cega para tudo isso?

— Posso pegar uma parte essencial da natureza da sua filha e modificá-la para que você se sinta melhor? — perguntou Magnus. — Se você quiser que ela

enlouqueça no fim.

Ele se arrependeu das palavras assim que as disse. Jocelyn o encarou, pálida, como se tivesse acabado de ser golpeada. Mas Jocelyn Morgenstern não era o tipo de mulher que chorava, não era o tipo de mulher que desabava, ou Valentim a teria destruído muito antes. Ela se manteve ereta e perguntou, com a voz calma:

— Tem mais alguma coisa que possa fazer?

— Tem... algo que posso tentar — respondeu Magnus.

Ele não disse que faria. Manteve os olhos na garota e pensou na menininha que Valentim cegou, em Edmund Herondale, que perdeu as Marcas tantos séculos atrás, nos filhos de Tessa, Jamie e Lucie, e em todos os filhos que tiveram. Ele não entregaria uma criança aos Caçadores de Sombras, para quem a Lei vinha antes da misericórdia.

Clary olhou para o pobre gato de Magnus, o Grande Catsby, que estava envelhecendo, deitado em uma almofada de veludo, com o rabo cinza e fofo esparramado nela.

Todos os adultos enxergaram o desastre iminente. Deram um passo para a frente, em sintonia, mas Clary já tinha puxado o rabo do Grande Catsby, com o ar seguro de uma condessa alcançando um sino para chamar a criada.

O Grande Catsby soltou um miado penoso para protestar contra a indignidade, virou e arranhou Clary, que começou a gritar. Jocelyn estava ajoelhada ao lado da filha no instante seguinte, seus cabelos ruivos como um véu sobre a menina, como se, de algum jeito, pudesse proteger Clary do mundo.

— Ela é parte banshee? — perguntou Magnus ao ouvir o grito estridente. Clary parecia uma sirene de polícia. Magnus teve a sensação de que seria preso pela vigésima sétima vez. Jocelyn o encarou através do cabelo, e Magnus levantou as mãos fingindo se render. — Ah, perdoe-me por sugerir que o sangue da filha de Valentim não seja puro.

— Por favor, Magnus — disse Tessa em voz baixa.

Ela tinha amado muito mais Caçadores de Sombras do que Magnus. Foi para perto de Jocelyn. Colocou a mão no ombro da mãe da menina, que não a afastou.

— Se quer que a criança fique segura — disse Magnus —, não basta só um feitiço para conter a própria Visão dela. Clary também precisa ser protegida contra o sobrenatural, contra os demônios que podem vir atrás dela.

— E que Irmã de Ferro ou Irmão do Silêncio vai executar essa cerimônia por mim sem nos entregar para a Clave? — perguntou Jocelyn. — Não. Não posso arriscar. Se ela não souber nada sobre o Mundo das Sombras, estará segura.

— Minha mãe foi uma Caçadora de Sombras que não sabia nada sobre o Mundo das Sombras — disse Tessa. — Isso não a manteve segura.

Jocelyn encarou Tessa, horrorizada. Obviamente foi capaz de concluir o que tinha

acontecido: um demônio se aproximou de uma Caçadora de Sombras desprotegida, e o resultado foi Tessa.

Fez-se silêncio. Clary tinha virado, curiosa, para Tessa, que se aproximou, os gritos devidamente esquecidos. A menina erguera os braços rechonchudos para Tessa. Jocelyn deixou que ela pegasse Clary novamente, e daquela vez a menina não tentou se soltar. Esfregou o rostinho manchado de lágrima na camisa de Tessa. Pareceu um gesto de afeto. Magnus torceu para que ninguém lhe oferecesse Clary nessa atual condição grudenta.

Jocelyn piscou os olhos e começou, lentamente, a sorrir. Magnus notou pela primeira vez que ela era linda.

— Clary nunca vai com estranhos. Talvez... Talvez ela saiba que você não é estranha aos Fairchild.

Tessa olhou para Jocelyn, seus olhos cinza-claros. Magnus achou, nesse caso, que Tessa estava enxergando mais do que ele.

— Talvez. Eu ajudo com a cerimônia — prometeu. — Conheço um Irmão do Silêncio que guardará qualquer segredo que eu pedir.

Jocelyn inclinou a cabeça.

— Obrigada. Theresa Gray.

Ocorreu a Magnus o quão furioso Valentim teria ficado se visse sua mulher procurando membros do Submundo, se imaginasse sua filha nos braços de uma feiticeira. O pensamento de Magnus de responder com crueldade aos apelos de Jocelyn se afastou ainda mais. Essa parecia uma vingança válida — provar, mesmo após a morte de Valentim, o quanto ele errou.

Foi até as duas mulheres e a criança, olhou para Tessa, e a viu fazendo um sinal afirmativo com a cabeça.

— Bem, então — disse Magnus —, ao que parece vamos ajudá-la, Jocelyn Morgenstern.

Jocelyn se encolheu.

— Não me chame assim. Eu sou... Sou Jocelyn Fairchild.

— Achei que não fosse mais uma Caçadora de Sombras — respondeu Magnus. — Se não quer que a encontrem, mudar de nome me parece um primeiro passo um tanto elementar. Confie em mim, sou um especialista. Já vi muitos filmes de espionagem.

Jocelyn pareceu cética, e Magnus revirou os olhos.

— Eu também não nasci me chamando Magnus Bane. Inventei um nome por conta própria.

— Eu nasci Tessa Gray. Mas você deve escolher qualquer nome que lhe pareça correto. Sempre falei que as palavras têm muito poder, e isso também vale para nomes. Um nome que você escolhe para si pode contar a história do seu destino e

quem pretende se tornar.

— Pode me chamar de Fray. Vou juntar a inicial dos Fairchild, minha família perdida, com o nome dos Gray. Porque você é... amiga da família — disse Jocelyn, falando com uma súbita firmeza.

Tessa sorriu para Jocelyn, parecendo surpresa, porém satisfeita, e Jocelyn sorriu para a filha. Magnus viu a determinação em seu rosto. Valentim quis destruir o mundo como Magnus conhecia. Mas, em vez disso, essa mulher ajudou a destruir Valentim, e nesse momento olhava para a filha como se ela fosse construir um outro mundo, alegre e novo, só para Clary, de modo que ela jamais fosse tocada pelas sombras do passado. Magnus sabia o que era querer esquecer como Jocelyn queria, conhecia o impulso passional de proteger que vinha junto com o amor.

Talvez nenhum dos filhos da nova geração — nem essa ruivinha teimosa ou os semifada Helen e Mark Blackthorn do Instituto de Los Angeles, ou mesmo os filhos de Maryse Lightwood que cresceriam em Nova York, longe da Cidade de Vidro — precisasse descobrir todo o horror do passado.

Jocelyn acariciou o rosto da filha, e todos eles observaram a menina sorrir, completamente feliz com a alegria de viver. Ela era uma história em si, doce e cheia de esperança, apenas começando.

— Jocelyn e Clary Fray — disse Magnus. — Prazer em conhecê-las.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Metadados - A última batalha

Fan Page da série
https://www.facebook.com/AsCronicasdeBane

Site da autora
http://www.cassandraclare.com/

Wikipedia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora
http://cassandraclare.tumblr.com/

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Twitter da autora
https://twitter.com/cassieclare

Facebook da autora
https://www.facebook.com/Cassandraclare

Blog da autora
http://cassandraclare.livejournal.com/

Capa

Rosto

Créditos

A última batalha do Instituto de Nova York

Colofão

Saiba mais